

OS ESTUDANTES E SUA REVOLUÇÃO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

(Publicado em Luiz Henrique Romagnoli e Tânia Gonçalves, <i>A Volta da UNE: de Ibiúna a Salvador</i>, Alfa-Omega, Coleção Histórica Imediata, nº 5, 1979, São Paulo

A revolução estudantil foi um fenômeno dos anos sessenta. Hoje faz parte da história. Mas isto não significa que o papel revolucionário dos estudantes e mais genericamente dos intelectuais não comprometidos tenha desaparecido. Da mesma forma que não se pode retirar o papel revolucionário à classe operária francesa porque ela se retrai após a Revolução de 1848, ou após a Comuna de Paris, também não se pode deduzir apressadamente que os estudantes deixaram de desempenhar um papel transformador fundamental na sociedade porque, depois da grande aventura dos anos sessenta, reduziram sua atividade política nos anos setenta. As causas fundamentais que determinaram a Revolução Estudantil continuam presentes no mundo contemporâneo. Este movimento social decisivo da nossa época foi consequência de fatos históricos novos que continuam a atuar. O papel dos estudantes e dos intelectuais de esquerda provavelmente continuará cada vez mais decisivo na transformação revolucionária do capitalismo no socialismo.

A revolução estudantil dos anos sessenta alcançou seu auge em maio de 1968 na França. E se não chegou a derrubar o bloco de poder que domina o Estado Francês, deixou marcas profundas na história daquele país. A direita foi obrigada a se reorganizar. De Gaulle perdeu o poder e o partido gaulista acabou cedendo o comando da aliança política conservadora para o partido de centro-direita liberal. A esquerda, por sua vez, passou por um profundo processo de auto-crítica e de reavaliação de suas estratégias, que até hoje não terminou. Mas a revolução estudantil não foi em absoluto um fenômeno Francês, foi um fenômeno

universal, que começou nos Estados Unidos e acabou repercutindo no mundo todo. Na verdade, talvez a Revolução Estudantil tenha sido o primeiro movimento social na história da humanidade de caráter universal e concomitante.

Os estudantes brasileiros também participaram desse movimento. Em 1968 centenas de milhares de estudantes protestavam nas praças públicas contra a ditadura implantada no Brasil. embora os estudantes brasileiros sempre tenham tido uma tradição de lutas democráticas, o movimento de 1968 ultrapassou tudo o que houve antes ou depois em matéria de manifestação política estudantil. Ainda que a UNE estivesse proscrita, os estudantes se transformaram no principal veículo de protesto da sociedade contra o regime autoritário capitalista-tecnoburocrático, que estava sendo instalado no Brasil. Seu movimento, no entanto, foi tão radical e profundo, que a burguesia atemorizada acabou apoiando o golpe de estado representado pelo Ato Institucional nº 5, de dezembro de 1968, que consolidou até 1974 a ditadura militar no país. A partir de 1975, porém, o regime autoritário começa a ruir. E nesse momento os estudantes vão novamente desempenhar um papel decisivo. Na medida em que as camadas médias (média burguesia e média tecnoburocracia) retiravam seu apoio ao regime autoritário, os estudantes se transformavam na ponta de lança do movimento social de protesto.

Entre março e agosto de 1968 escrevi o ensaio *A Revolução Estudantil* (segunda parte de *As Revoluções Utópicas*, Editora Vozes, 1979, Petrópolis). Nesse trabalho procurei determinar os fatos históricos novos que diferenciavam a Revolução Estudantil das demais revoltas de estudante, que transformavam esse movimento social na revolução do nosso tempo. (Estes fatos históricos novos eram: a) revolução na educação primária e secundária, no sentido de uma maior liberdade e responsabilidade dos jovens b) a dissolução da família patriarcal, baseada na propriedade da terra ou no capital, e a decorrente crise dos valores familiares c) a crise do racismo a partir da descoberta da ideologia por Marx e do inconsciente por Freud d) a massificação dos estudantes em virtude do seu extraordinário aumento numérico e) o extraordinário desenvolvimento das forças

produtivas, que acelerava o ritmo da história e se constituía na causa básica das demais causas da revolução estudantil que acabaram de ser citadas.

A estes fatos novos aliavam-se, naturalmente, algumas características permanentes da juventude: seu idealismo, sua relativa desvinculação dos interesses de sua própria classe burguesa ou tecnoburocrática. Mas estas são condições permanentes da revolta estudantil como também se constituem em freios permanentes dessa revolta a transitoriedade da vida estudantil e os compromissos de classe que logo tendem a ser plenamente restabelecida uma vez que o jovem termina seus estudos e se casa.

O importante é assinalar, entretanto, é que aqueles fatores históricos novos continuam a atuar. O número de estudantes em relação à população não parou de crescer. Se a massificação dos trabalhadores permitiu a Revolução Operária no início do século XIX, a massificação estudantil condiciona a Revolução Estudantil da segunda metade do século XX. Estes estudantes são frutos de uma sociedade em crise, cujos valores vêm sendo sistematicamente abalados, seja pelo extraordinário desenvolvimento das forças produtivas, que destrói as relações familiares e de classe burguesas tradicionais, seja pela crítica sistemática que os revolucionários de esquerda vêm fazendo há quase duzentos anos ao regime capitalista.

Estes fatores transformam os estudantes em uma força política nova nas sociedades capitalistas ou estatais contemporâneas. Uma força política que tem um papel revolucionário em si mesma ao mesmo tempo em que seus quadros vão reforçar os movimentos socialistas de intelectuais não comprometidos e trabalhadores. É certo que as universidades continuarão a formar um grande número de tecnoburocratas e de intelectuais orgânicos das classes dominantes. Mas não há dúvida que estudantes e intelectuais constituem hoje uma força de contestação e de superação das formações capitalistas e estatais pelo menos tão importante e muitas vezes mais radical do que o proletariado.

O sentido da revolta estudantil, como também o do movimento socialista dos intelectuais não comprometidos que emergem dos estudantes, tem um caráter eminentemente revolucionário. Esta revolução pode ser democrática, orientada para a transformação da sociedade em todos os seus níveis desde a organização de uma sociedade civil cada vez mais aberta e representativa do povo, até a vitória política os processos eleitorais de âmbito nacional visando a implantação do socialismo. Mas corre dois riscos permanentes: o primeiro é o de ser tão radical, extremista, que acabe se perdendo no autoritarismo tecnoburocrático estatal o segundo é o de ser tão moderada, que acabe sendo cooptada pela social-democracia que nega a luta de classes. Em ambos os casos, o risco é de se transformar em uma força contra-revolucionária, seja em um caso porque vem a entregar o poder a uma nova classe dominante de caráter burocrático, seja em outro caso porque transige de tal forma com o regime vigente que acaba por ser por ele cooptada.

A revolução dos estudantes é sem dúvida uma revolução utópica. Não apenas porque quer transformar o mundo de forma generosa, mas também porque corre muitos riscos de desvio e de contra-revolução. Mas as revoluções utópicas não são revoluções impossíveis. São fruto da luta de classe, que busca escapar ao determinismo simplicista marcado pelo desenvolvimento das forças produtivas. Este desenvolvimento nos leva na direção do monopólio do saber e do poder por uma classe de tecnoburocratas. Ora, a revolução socialista e democrática proposta por um número crescente de estudantes, trabalhadores e intelectuais não comprometidos denuncia essa tendência no sentido do estatismo tanto quanto se opõe à preservação do capitalismo.